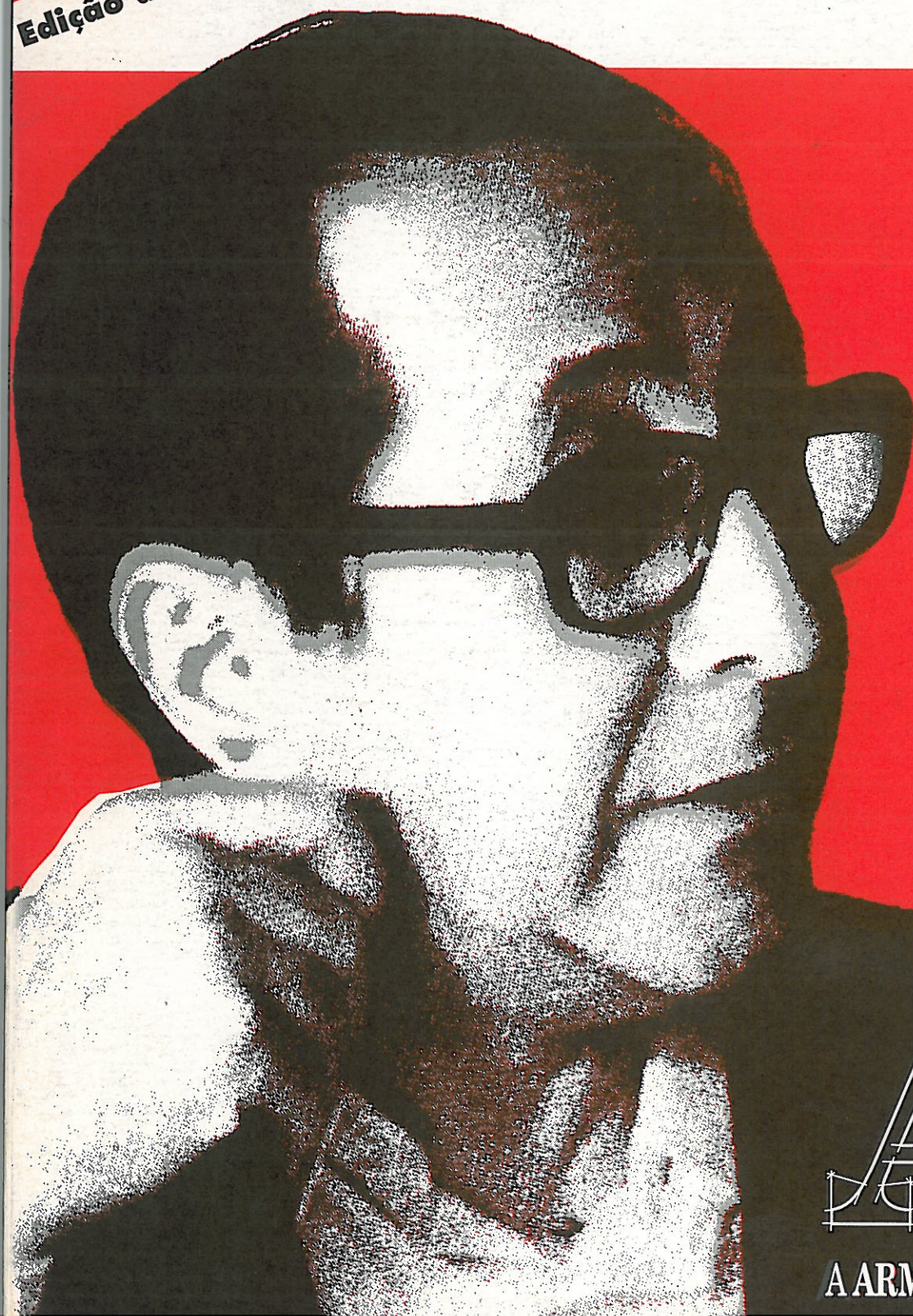


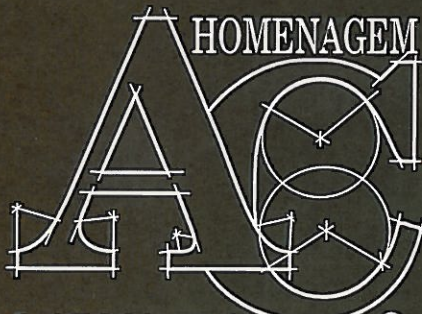
DIAGONAL

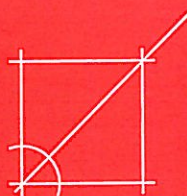
Edição do SECTOR INTELECTUAL DO PORTO DO PCP 

JUL 1997

2



HOMENAGEM

A ARMANDO CASTRO



DIAGONAL

edição do
SECTOR INTELECTUAL
DO PORTO DO PCP



nº 2 jul. 1997

Direcção:

Secretariado da Direcção do S.I.
(Jorge Sarabando,
Luís Carvalho,
Sérgio Vinagre).

Colaboram neste número:

Annie Gunther Nonell,
Carlos Pimenta,
Guilhermino Monteiro,
Honório Novo,
João Teixeira Lopes,
José Madureira Pinto,
Mário Carvalho,
Urbano Tavares Rodrigues,
Vitor Santos.

Arranjo Gráfico:

Herminio Bastos.

Propriedade:

Sector Intelectual
da Organização Regional
do Porto do Partido Comunista
Português.

Av. Boavista, 931/937

4100 PORTO

Tels: 6095651/8

Fax: 6097948

Internet:

<http://www.dorp.pcp.pt>

Correio electrónico:

pcp.dorp@mail.telepac.pt

500.

1	Abertura
2	Por Ocasião do Lançamento da "Diagonal" <i>Vitor Santos</i>
4	Em Homagem de Armando Castro
5	– Uma Obra Inesgotável <i>José Madureira Pinto</i>
7	– Bom Dia, Amigo! <i>Carlos Pimenta</i>
12	– Bibliografia de Armando Castro
17	Por Um Mundo Mais Justo e Menos Infeliz <i>Urbano Tavares Rodrigues</i>
23	Ser Marxista é Tomar Partido <i>Guilhermino Monteiro</i>
25	Fundo de coesão – Passado, Presente e Futuro! <i>Honório Novo</i>
33	Cultura e Cidade: De Que Falamos Quando Falamos de Políticas Culturais <i>João Teixeira Lopes</i>
35	Património, Um Recurso Escasso <i>Annie Gunther Nonell</i>
39	Financiamento do Ensino Superior – "Propinas não são solução" <i>Mário Carvalho</i>
43	(in)CITAÇÕES

(Nota: os sublinhados nos textos são da responsabilidade da Revista).





Carlos Pimenta*

(Março/1997)

BOM DIA, AMIGO!

■ ATÉ JÁ

Armando Castro é o grande amigo com quem se passou horas a conversar sobre os mais diversos assuntos, com quem hoje continuamos a conferenciar quase todos os dias e em quem as futuras gerações continuarão a encontrar um intelectual lúcido capaz de desbravar de forma impar os meandros dialécticos da complexidade construindo um tempo que só o futuro irá plenamente reconhecer.

Falámos com o amigo sobre a Faculdade de Economia; sobre os problemas de Economia Política, com o gosto e encanto de penetrar no que é difícil e onde as explicações parecem encontrar obstáculos; sobre a última obra que tinha saído sobre as fronteiras do (des)conhecido; sobre a situação política nacional e internacional; sobre os artigos e livros publicados quão filhos amados em que o pai se revê com carinho; sobre as conferências, colóquios e seminários feitos e agendados, turbilhões de esforço, abnegação e prazer imenso de comunicar e de por à prova os seus conhecimentos, as suas ideias, as suas hipóteses, os seus sonhos. Mas também conversámos sobre as férias, sobre acontecimentos culturais, sobre a luta do nosso povo, sobre as últimas anedotas aprendidas, sobre os calotes dos editores, sobre as dificuldades da vida.

Continuamos a conferenciar todos os dias mesmo quando não temos a oportunidade de nos encontrarmos. Hoje, como ontem, mantém uma vontade férrea de continuar a escrever as muitas obras sonhadas e preparadas, contra um tempo humano suficientemente curto para abarcar tanto projecto. E fazêmo-lo porque sinto que uma parte de mim mesmo lhe pertence. Quando faço a psicanálise dos meus conhecimentos, quando me interrogo sobre os conhecimentos corrente, científico e filosófico, quando transmito aos meus alunos a preocupação da luta contra as evidências, quando refiro a imensa preocupação pelas questões epistemológicas, quando coloco publicamente dúvidas sobre o que não sei, quando “procuro aproveitar de todas as tendências aquilo que considero válido”¹ quando insisto na importância de penetrar a complexidade, enfim, quando me aproximo daquilo que gostaria de ser e fazer estou a transportar os alertas, as preocupações, os textos, a alegria da descoberta que Armando Castro me ensinou, deliberada ou espontaneamente, penetrando-me tão profundamente que hoje não sei viver sem esse legado impar.

As futuras gerações continuarão a encontrá-lo porque a sua obra versa assuntos que são sempre actuais, em alguns casos cada vez mais, porque é o exemplo de uma firme determinação em prosseguir um caminho que não é ditado pelos fogos fátuos dos poderes ou da promoção pessoal, porque nele sentimos todo o vigor da lusitanidade e o orgulho de sermos portugueses – “Eu nunca pensei em emigrar pela simples razão de que sempre entendi que embora fosse difícil, tinha de travar a luta aqui”² – porque a sua obra epistemológica, e não só, é “uma proposta um pouco antecipada no tempo”³.

(*) Professor da Faculdade de Economia do Porto

¹ Entrevista de Armando Castro nos Cadernos de Ciências Sociais, n.º 7, “Homenagem dos Cadernos de Ciências Sociais ao Prof. Armando Castro”, pág. 18

² Idem, pág. 17

³ Idem, pág. 21



■ FRAGMENTOS DA MEMÓRIA

Os seus livros anteciparam o nosso conhecimento pessoal.

A geração académica lisboeta de 1968 juntava os anseios da juventude, as angústias dos constrangimentos fascistas transformadas em luta, os sonhos dos ventos anárquicos que percorriam a Europa e a boémia cosmopolita com uma maneira de estar na vida que comportava uma imensa ânsia de saber. Marx, Lenine, Marcuse, Althusser, Sartre, Poulantzas, Simone Beauvoir, Lukacs, Camus, Malraux e muitos mais que ainda se espalham pelas prateleiras da minha estante eram lidos sofregamente. Discutia-se publicamente *Lire le Capital*⁴ como peça fundamental para se chegar ao programa de acção da Reunião Inter-Associações (RIA), órgão máximo então do movimento associativo estudantil lisboeta. Em círculos mais reduzidos, porque o fascismo assim impunha, discutia-se pormenorizadamente *O Capital*⁵, *Que Fazer*⁶ e outras obras.

Foi no meio deste ambiente intelectual (em que as melhores obras eram compradas sorrateiramente em balcões obscuros de livrarias conhecidas e as ideias defrontavam-se frequentemente com as cargas policiais) que encontrei, encontramos porque se estava sempre perante uma atitude e esforço colectivos, as obras de Armando Castro, por duas vias. A primeira foi a natural preocupação em conhecer a realidade portuguesa como cidadãos e estudantes de Economia. Era impossível estudar a história de Portugal sem ler Armando Castro embora outros grandes nomes da historiografia portuguesa se lhe juntassem⁷, assim como o era estudar algum problema actual sem ter de ler os seus artigos e livros de Economia. A segunda emergiu entre leituras, cerveja e lutas quando, perante a diversidade de correntes do pensamento económico e político, perante a intensa luta ideológica que se travava, interrogávamo-nos se não existiria um critério para encontrar a verdade, uma metaciência capaz de nos orientar no meio de tanta controvérsia e dúvida. E aí fomos encontrar algumas das suas reflexões dispersas, os trabalhos sobre a teoria do valor, as ricas reflexões epistemológicas contidas em *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*.

Quando um grupo de estudantes e recém licenciados marxistas pretendeu constituir um núcleo de investigação sobre a realidade portuguesa foi com Armando Castro que foi ter, aproveitando uma das suas deslocações a Lisboa. Então encontrei um homem afável, aparentemente tímido, entusiasmado com a ideia de jovens estarem atacados da ânsia de saber e investigar, marcado por uma longa caminhada de investigação solitária, com dificuldade em integrar uma equipe nos seus labores quotidianos mas de uma grande disponibilidade e que numa breve conversa nos deixou suficientes pistas de investigação para uma vida inteira.

Suspeito hoje que pouco fizemos do que sonhávamos, até porque acontecimentos múltiplos da vida dissolveram esse grupo, mas aqui surgiu um conhecimento que fez com que ao regressar do exílio em França viesse para o Porto, integrasse o corpo de docentes da Faculdade de Economia, tivesse o raro privilégio de conviver com Armando Castro⁸.

⁴ Lire le Capital, Louis ALTHUSSER & Etienne BALIBAR, Paris, Maspero

⁵ Principal obra de Karl Marx

⁶ Uma importante obra de Lenine em que se descrevem muitas das preocupações com que nós então também nos defrontávamos: os de propaganda e organização.

⁷ Porque estamos a referir-nos a Armando Castro abstermo-nos de citar outros autores portugueses que então eram muito lidos e conceituados.

⁸ Permitam-me que aqui faça um intervalo para dizer que de maneira muito diversa, houve três homens com quem convivi que marcaram muito profundamente as minhas preocupações intelectuais: Freitas e Silva, Pereira de Moura, Armando Castro. Sobre o segundo, apresentei, de alguma forma, o meu testemunho em "Ciência e Pedagogia. Racionalidade e Imaginação Hoje", 1995. Sobre Armando Castro estou a fazê-lo e certamente que o farei mais vezes no futuro. Deixai-me, pois, fazer uma breve referência ao Dr. Freitas e Silva. Foi meu professor de Filosofia nos antigos 6º e 7º anos. A aparente "balda" das suas aulas eram um espaço de liberdade intelectual bem rara no início dos anos 60 onde se aprendia a criticar o livro único, a ultrapassar as ideias dos outros para termos as nossas. Quando descobrimos que ele era tradutor de *Importância da Filosofia Positiva* de Augusto Comte, pequeno livro editado pela Inquérito e lhe comentamos na nossa jovialidade que ainda iria ser famoso, colocou o seu ar galhofeiro e afirmou que "seria célebre quando algum seu aluno o fosse". Foi o homem que em conversa informal, quando o tomismo campeava no ensino liceal, nos alertou que havia um "filósofo francês chamado Bachelard que andava a escrever umas coisas muito interessantes que iriam marcar o futuro da Filosofia".

Bom dia, amigo!

Carlos Pimenta

Até já

Armando Castro é o grande amigo com quem se passou horas a conversar sobre os mais diversos assuntos, com quem hoje continuamos a conferenciar quase todos os dias e em quem as futuras gerações continuarão a encontrar um intelectual lúcido capaz de desbravar de forma impar os meandros dialécticos da complexidade construindo um tempo que só o futuro irá plenamente reconhecer.

Falámos com o amigo sobre a Faculdade de Economia; sobre os problemas de Economia Política, com o gosto e encanto de penetrar no que é difícil e onde as explicações parecem encontrar obstáculos; sobre a última obra que tinha saído sobre as fronteiras do (des)conhecido; sobre a situação política nacional e internacional; sobre os artigos e livros publicados quão filhos amados em que o pai se revê com carinho; sobre as conferências, colóquios e seminários feitos e agendados, turbilhões de esforço, abnegação e prazer imenso de comunicar e de por à prova os seus conhecimentos, as suas ideias, as suas hipóteses, os seus sonhos. Mas também conversámos sobre as férias, sobre acontecimentos culturais, sobre a luta do nosso povo, sobre as últimas anedotas aprendidas, sobre os calotes dos editores, sobre as dificuldades da vida.

Continuamos a conferenciar todos os dias mesmo quando não temos a oportunidade de nos encontrarmos. Hoje, como ontem, mantém uma vontade férrea de continuar a escrever as muitas obras sonhadas e preparadas, contra um tempo humano suficientemente curto para abarcar tanto projecto. E fazê-mo-lo porque sinto que uma parte de mim mesmo lhe pertence. Quando faço a psicanálise dos meus conhecimentos, quando me interrogo sobre os conhecimentos corrente, científico e filosófico, quando transmito aos meus alunos a preocupação da luta contra as evidências, quando refiro a imensa preocupação pelas questões epistemológicas, quando coloco publicamente dúvidas sobre o que não sei, quando “procuro aproveitar de todas as tendências aquilo que considero válido”¹ quando insisto na importância de penetrar a complexidade, enfim, quando me aproximo daquilo que gostaria de ser e fazer estou a transportar os alertas, as preocupações, os textos, a alegria da descoberta que Armando Castro me ensinou, deliberada ou espontaneamente, penetrando-me tão profundamente que hoje não sei viver sem esse legado impar.

¹ Entrevista de Armando Castro nos Cadernos de Ciências Sociais, nº ?, “Homenagem dos Cadernos de Ciências Sociais ao Prof. Armando Castro”, pág. 18

As futuras gerações continuarão a encontrá-lo porque a sua obra versa assuntos que são sempre actuais, em alguns casos cada vez mais, porque é o exemplo de uma firme determinação em prosseguir um caminho que não é ditado pelos fogos fátuos dos poderes ou da promoção pessoal, porque nele sentimos todo o vigor da lusitanidade e o orgulho de sermos portugueses – “Eu nunca pensei em emigrar pela simples razão de que sempre entendi que embora fosse difícil, tinha de travar a luta aqui”² – porque a sua obra epistemológica, e não só, é “uma proposta um pouco antecipada no tempo”³.

Fragmentos da memória

Os seus livros anteciparam o nosso conhecimento pessoal.

A geração académica lisboeta de 1968 juntava os anseios da juventude, as angústias dos constrangimentos fascistas transformadas em luta, os sonhos dos ventos anárquicos que percorriam a Europa e a boémia cosmopolita com uma maneira de estar na vida que comportava uma imensa ânsia de saber. Marx, Lenine, Marcuse, Althusser, Sartre, Poulantzas, Simone Beauvoir, Lukacs, Camus, Malraux e muitos mais que ainda se espalham pelas prateleiras da minha estante eram lidos sofregamente. Discutia-se publicamente *Lire le Capital*⁴ como peça fundamental para se chegar ao programa de acção da Reunião Inter-Associações (RIA), órgão máximo então do movimento associativo estudantil lisboeta. Em círculos mais reduzidos, porque o fascismo assim impunha, discutia-se pormenorizadamente *O Capital*⁵, *Que Fazer*⁶ e outras obras.

Foi no meio deste ambiente intelectual (em que as melhores obras eram compradas sorrateiramente em balcões obscuros de livrarias conhecidas e as ideias defrontavam-se frequentemente com as cargas policiais) que encontrei, encontramos porque se estava sempre perante uma atitude e esforço colectivos, as obras de Armando Castro, por duas vias. A primeira foi a natural preocupação em conhecer a realidade portuguesa como cidadãos e estudantes de Economia. Era impossível estudar a história de Portugal sem ler Armando Castro embora outros grandes nomes da historiografia portuguesa se lhe juntassem⁷, assim como o era estudar algum problema actual sem ter de ler os seus artigos e livros de Economia. A segunda emergiu entre leituras, cerveja e lutas quando, perante a diversidade de correntes do pensamento económico e político, perante a intensa luta ideológica que se travava, interrogávamo-nos se não existiria um critério para encontrar a verdade, uma metaciência capaz de nos orientar

² Idem, pág. 17

³ Idem, pág. 21

⁴ Lire le Capital, Louis ALTHUSSER & Etienne BALIBAR, Paris, Maspero

⁵ Principal obra de Karl Marx

⁶ Uma importante obra de Lenine em que se descrevem muitas das preocupações com que nós então também nos defrontávamos: os de propaganda e organização.

⁷ Porque estamos a referir-nos a Armando Castro abstemo-nos de citar outros autores portugueses que então eram muito lidos e conceituados.

no meio de tanta controvérsia e dúvida. E aí fomos encontrar algumas das suas reflexões dispersas, os trabalhos sobre a teoria do valor, as ricas reflexões epistemológicas contidas em *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*.

Quando um grupo de estudantes e recém licenciados marxistas pretendeu constituir um núcleo de investigação sobre a realidade portuguesa foi com Armando Castro que foi ter, aproveitando uma das suas deslocações a Lisboa. Então encontrei um homem afável, aparentemente tímido, entusiasmado com a ideia de jovens estarem atacados da ânsia de saber e investigar, marcado por uma longa caminhada de investigação solitária, com dificuldade em integrar uma equipe nos seus labores quotidianos mas de uma grande disponibilidade e que numa breve conversa nos deixou suficientes pistas de investigação para uma vida inteira.

Suspeito hoje que pouco fizemos do que sonhávamos, até porque acontecimentos múltiplos da vida dissolveu esse grupo, mas aqui surgiu um conhecimento que fez com que ao regressar do exílio em França viesse para o Porto, integrasse o corpo de docentes da Faculdade de Economia, tivesse o raro privilégio de conviver com Armando Castro⁸.

Imagens breves

Como é possível em poucas linhas falar de Armando Castro? Falar do homem ou da sua obra? do historiador, do economista, do epistemólogo, do homem de cultura que tudo isto juntava? do cientista ou do cidadão? do comunista convicto ou do apaixonado dos consensos? Como é possível escolher uma destas facetas se são partes de um todo e muito há a dizer de todas as outras deixadas de lado? Talvez seja possível mas é provavelmente injusto.

Limitemo-nos a deixar aqui três cenas.

Investigar é um acto de coragem

⁸ Permitam-me que aqui faça um intervalo para dizer que de maneira muito diversa, houve três homens com quem convivi que marcaram muito profundamente as minhas preocupações intelectuais: Freitas e Silva, Pereira de Moura, Armando Castro. Sobre o segundo, apresentei, de alguma forma, o meu testemunho em “Ciência e Pedagogia. Racionalidade e Imaginação Hoje”, 1995. Sobre Armando Castro estou a fazê-lo e certamente que o farei mais vezes no futuro. Deixai-me, pois, fazer uma breve referência ao Dr. Freitas e Silva. Foi meu professor de Filosofia nos antigos 6º e 7º anos. A aparente “balda” das suas aulas eram um espaço de liberdade intelectual bem rara no início dos anos 60 onde se aprendia a criticar o livro único, a ultrapassar as ideias dos outros para termos as nossas. Quando descobrimos que ele era tradutor de *Importância da Filosofia Positiva* de Augusto Comte, pequeno livro editado pela Inquérito e lhe comentamos na nossa jovialidade que ainda iria ser famoso, colocou o seu ar galhofeiro e afirmou que “seria célebre quando algum seu aluno o fosse”. Foi o homem que em conversa informal, quando o tomismo campeava no ensino liceal, nos alertou que havia um “filósofo francês chamado Bachelard que andava a escrever umas coisas muito interessantes que iriam marcar o futuro da Filosofia”.

Estava sol. Fazia pouco calor mas o tempo convidava a um passeio. Tinha feito o doutoramento há um ano, ainda fazia as contas de cabeça sobre o que tinha gasto e o que tinha deixado de ganhar quando recebi uma proposta de trabalho acolhedora. Descia a 31 de Janeiro olhando para as montras e hesitando entre a resposta a dar. A minha paixão continuava no ensino universitário mas os cifrões faziam a balança pender para o outro lado.

Nestas lucubrações encontrei-me defronte de Armando Castro que caminhava em sentido contrário. Expus-lhe as minhas angústias já quase transformadas em certeza de abandono da carreira universitária. Olhou-me com o seu ar afável e em voz branda limitou-se a dizer, como se de nada se tratasse: “para se investigar é preciso muita coragem”.

Despedimo-nos como de costume, quase não liguei à frase proferida mas ela penetrou-me tão profundamente, tanto quanto a dura realidade transmitida e o saber que continha, que recusei o emprego oferecido e ainda hoje continuo no tal caminho que é difícil.

De facto a sua vida, e a do seu agregado familiar que teve de ser de uma solidariedade militante e de abnegada, foi uma constante luta contra tudo e contra quase todos para conseguir fazer investigação e erigir o espantoso edifício intelectual que é a sua obra:

“Vivi 31 anos com uma crucificação quotidiana; é que trabalhava o mínimo indispensável para assegurar a subsistência minha e familiar, para ter tempo livre para a pesquisa que fazia à minha custa. Eu nem sequer tinha acesso às bibliotecas das Faculdades. Só nos fins do período marcelista é que, por intermédio de um professor, eu consegui esse acesso. Mesmo para fazer a pesquisa nos Arquivos Históricos. eu deslocava-me à minha custa: microfilmava os documentos com uma pequena Leika e uma lâmpada supervoltada que levava. Depois vinha para casa, revelava e passava tudo aquilo a tamanho postal, porque senão ficava muito grande, e lia os documentos todos com uma lupa.”⁹

Mas mais do que todas estas aventuras de dificuldades está a entrega total do homem ao saber, à procura da verdade, se assim se pode falar, a pesquisa pela alegria da descoberta. Não o fez porque a carreira universitária o exigisse, não o fez para se promover e pavonear, não o fez para adquirir cargos políticos, não o fez por dinheiro. Fê-lo numa luta permanente entre a vastidão dos conhecimentos a adquirir, as limitações fitogenéticas e ontogenéticas do homem, que tão bem tem descrito, a sua esperança de vida e as lutas do quotidiano.

Apesar do entusiasmo com que sempre aplicou as novas tecnologias, o essencial do seu labor científico é anterior à microinformática. Os milhares de dossiers sobre todas as matérias, os recortes de jornais, revistas e fotocópias aparados nas margens para ocupar menos espaço, a forma como concatenava assuntos e textos são demonstrações eloquentes de como cada dia, minuto ou segundo era aproveitado e orientado para o saber.

⁹ Entrevista ..., pág. 15

O reconhecimento da sua obra entusiasma-o, desperta-lhe o brilho da vaidade pessoal muito timidamente manifestada, mas são epifenómenos da ânsia de saber, de perscrutar o novo, de ultrapassar-se permanentemente para que o povo a que pertence caminhe para um futuro melhor.

Até nas brincadeiras o optimismo sobre o futuro e a capacidade da ciência contribuir para uma vida melhor está patente. Os extraterrestres nunca o preocuparam porque se tivessem técnicas e saberes para chegar à Terra também estariam socialmente tão avançados que já tinham atingido o comunismo, refere-o por vezes.

Aprender, aprender sempre para que o futuro colectivo a que pertence seja mais risonho.

Com aquele curriculum chumba na avaliação

Os seus estudos sociais, históricos e económicos visam fundamentalmente a compreensão da realidade portuguesa. Escritos por amor a um saber que se torna alavanca de transformação social rumo a uma sociedade técnica, social e culturalmente mais evoluída, mais solidária, utilizam a língua portuguesa como forma de comunicação. Um português denso de conceitos, relações e descrições dialecticamente interligados, usando uma leitura marxista da realidade sem desprezar as contribuições alheias e sem a utilização de uma terminologia estereotipada.

São imensas as suas publicações: livros, revistas científicas, revistas e jornais diversos. São incontáveis os colóquios, seminários e intervenções públicas. Referia, por vezes, que tinha o convite desta ou daquela revista estrangeira para escrever mas acabava sempre por preterir essas solicitações em favor do contacto com o público português. A sua obra científica é de alta craveira intelectual, trabalho impar na cena internacional mas não tem artigos publicados em revistas estrangeiras. Os critérios actuais de avaliação da obra científica e a incapacidade de muitos para compreender a profunda diferença entre as ciências da natureza e as sociais, levaria provavelmente à sua reprovação académica¹⁰.

É necessário que se compreenda bem essa sobrevalorização do uso da língua pátria: para Armando Castro a validação da sua obra científica é feita pelo povo a que pertence e no qual luta. Avançando teses originais, desbravando matérias nunca antes estudadas, ensaiando novos modelos e metodologias de estudo só tinha a preocupação em ser compreendido pelo povo a que pertence. Respeitando a comunidade científica internacional e olhando para ela com uma condescendência bonacheirona, mantendo sempre firme a sua postura marxista, enraizada numa análise científica que a protege das conjunturas desfavoráveis, conhecendo os seus aliados e adversários intelectuais é no contacto com o povo que Armando Castro valida a sua obra. Se a sua teorização reflecte a realidade e é susceptível de

¹⁰ Aliás seria interessante, a este propósito, recordar a morosidade da sua nomeação como catedrático. Provavelmente essa história daria um bom conto alegórico da incompetência humana.

contribuir para a construção de um futuro melhor então é possível decodificar o discurso científico, fazer-se entender por quem o ouve, ver aceite pelos outros as suas teses.

E a sua obra tem sido claramente validada nas manifestações de ruas¹¹, na aceitação pública das suas teses, na criação de uma intelectualidade progressista que bebe nos seus trabalhos as fontes principais de inspiração.

A Epistemologia é a luta contra e para nós

A sua obra epistemológica, profundamente original, é a reflexão crítica sobre o seu próprio labor científico e um caminho de reflexão inesgotável que se abre a todos nós.

Para Armando Castro a Epistemologia é uma ciência. A ciência do conhecimento científico, síntese de múltiplas contribuições disciplinares. Uma ciência que obviamente se autonomizou da filosofia, que é capaz de resolver de uma forma inovadora e definitiva velhas questões e divergências filosóficas, como a existente entre o materialismo e o idealismo. Uma ciência que criou novas metodologias, construiu novos conceitos e relações extensíveis, com as devidas adaptações e precauções, a outras áreas do saber:

“Se tivesse outro horizonte temporal, encararia a possibilidade de construir uma ciência explicativa do conhecimento filosófico, assim como encararia a possibilidade de construir a teoria científica das ideologias e até, porque não?, da componente cognitiva da estética”¹².

A Epistemologia não é normativa mas a reflexão científica sobre o labor científico apetrecha-nos de novas capacidades para investigar. O facto de uma parte dos seus trabalhos epistemológicos incidir sobre as ciências sociais – sobretudo a História –, apesar da sua obra específica sobre a Gnoseologia e a Epistemologia ainda se encontrar nas considerações gerais, faz luz sobre áreas do saber menos consideradas até à actualidade.

Estes seus trabalhos são uma exigência de criatividade, de audácia, de rigor para todos nós.

O resto direi depois...

Bom, a conversa vai longa e há tanto que ainda está por dizer...

2/Março/1997

¹¹ Por exemplo, as lutas contra a inflação nos anos setenta devem bastante ao livro *O Que é a Inflação?*

¹² Entrevista ..., pág. 21

IMAGEM



Carlos Pimenta*

(Março/1997)

BOM DIA, AMIGO!

■ ATÉ JÁ

Armando Castro é o grande amigo com quem se passou horas a conversar sobre os mais diversos assuntos, com quem hoje continuamos a conferenciar quase todos os dias e em quem as futuras gerações continuarão a encontrar um intelectual lúcido capaz de desbravar de forma impar os meandros dialécticos da complexidade construindo um tempo que só o futuro irá plenamente reconhecer.

Falámos com o amigo sobre a Faculdade de Economia; sobre os problemas de Economia Política, com o gosto e encanto de penetrar no que é difícil e onde as explicações parecem encontrar obstáculos; sobre a última obra que tinha saído sobre as fronteiras do (des)conhecido; sobre a situação política nacional e internacional; sobre os artigos e livros publicados quão filhos amados em que o pai se revê com carinho; sobre as conferências, colóquios e seminários feitos e agendados, turbilhões de esforço, abnegação e prazer imenso de comunicar e de por à prova os seus conhecimentos, as suas ideias, as suas hipóteses, os seus sonhos. Mas também conversámos sobre as férias, sobre acontecimentos culturais, sobre a luta do nosso povo, sobre as últimas anedotas aprendidas, sobre os calotes dos editores, sobre as dificuldades da vida.

Continuamos a conferenciar todos os dias mesmo quando não temos a oportunidade de nos encontrarmos. Hoje, como ontem, mantém uma vontade férrea de continuar a escrever as muitas obras sonhadas e preparadas, contra um tempo humano suficientemente curto para abarcar tanto projecto. E fazêmo-lo porque sinto que uma parte de mim mesmo lhe pertence. Quando faço a psicanálise dos meus conhecimentos, quando me interrogo sobre os conhecimentos corrente, científico e filosófico, quando transmito aos meus alunos a preocupação da luta contra as evidências, quando refiro a imensa preocupação pelas questões epistemológicas, quando coloco publicamente dúvidas sobre o que não sei, quando “procuro aproveitar de todas as tendências aquilo que considero válido”¹ quando insisto na importância de penetrar a complexidade, enfim, quando me aproximo daquilo que gostaria de ser e fazer estou a transportar os alertas, as preocupações, os textos, a alegria da descoberta que Armando Castro me ensinou, deliberada ou espontaneamente, penetrando-me tão profundamente que hoje não sei viver sem esse legado impar.

As futuras gerações continuarão a encontrá-lo porque a sua obra versa assuntos que são sempre actuais, em alguns casos cada vez mais, porque é o exemplo de uma firme determinação em prosseguir um caminho que não é ditado pelos fogos fátuos dos poderes ou da promoção pessoal, porque nele sentimos todo o vigor da lusitaneidade e o orgulho de sermos portugueses – “Eu nunca pensei em emigrar pela simples razão de que sempre entendi que embora fosse difícil, tinha de travar a luta aqui”² – porque a sua obra epistemológica, e não só, é “uma proposta um pouco antecipada no tempo”³.

(*) Professor da Faculdade de Economia do Porto

¹ Entrevista de Armando Castro nos Cadernos de Ciências Sociais, nº 7, “Homenagem dos Cadernos de Ciências Sociais ao Prof. Armando Castro”, pág. 18

² Idem, pág. 17

³ Idem, pág. 21



■ FRAGMENTOS DA MEMÓRIA

Os seus livros anteciparam o nosso conhecimento pessoal.

A geração académica lisboeta de 1968 juntava os anseios da juventude, as angústias dos constrangimentos fascistas transformadas em luta, os sonhos dos ventos anárquicos que percorriam a Europa e a boémia cosmopolita com uma maneira de estar na vida que comportava uma imensa ânsia de saber. Marx, Lenine, Marcuse, Althusser, Sartre, Poulantzas, Simone Beauvoir, Lukacs, Camus, Malraux e muitos mais que ainda se espalham pelas prateleiras da minha estante eram lidos sofregamente. Discutia-se publicamente *Lire le Capital*⁴ como peça fundamental para se chegar ao programa de acção da Reunião Inter-Associações (RIA), órgão máximo então do movimento associativo estudantil lisboeta. Em círculos mais reduzidos, porque o fascismo assim impunha, discutia-se pormenorizadamente *O Capital*⁵, *Que Fazer*⁶ e outras obras.

Foi no meio deste ambiente intelectual (em que as melhores obras eram compradas sorrateiramente em balcões obscuros de livrarias conhecidas e as ideias defrontavam-se frequentemente com as cargas policiais) que encontrei, encontramos porque se estava sempre perante uma atitude e esforço colectivos, as obras de Armando Castro, por duas vias. A primeira foi a natural preocupação em conhecer a realidade portuguesa como cidadãos e estudantes de Economia. Era impossível estudar a história de Portugal sem ler Armando Castro embora outros grandes nomes da historiografia portuguesa se lhe juntassem⁷, assim como o era estudar algum problema actual sem ter de ler os seus artigos e livros de Economia. A segunda emergiu entre leituras, cerveja e lutas quando, perante a diversidade de correntes do pensamento económico e político, perante a intensa luta ideológica que se travava, interrogávamo-nos se não existiria um critério para encontrar a verdade, uma metaciência capaz de nos orientar no meio de tanta controvérsia e dúvida. E aí fomos encontrar algumas das suas reflexões dispersas, os trabalhos sobre a teoria do valor, as ricas reflexões epistemológicas contidas em *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*.

Quando um grupo de estudantes e recém licenciados marxistas pretendeu constituir um núcleo de investigação sobre a realidade portuguesa foi com Armando Castro que foi ter, aproveitando uma das suas deslocações a Lisboa. Então encontrei um homem afável, aparentemente tímido, entusiasmado com a ideia de jovens estarem atacados da ânsia de saber e investigar, marcado por uma longa caminhada de investigação solitária, com dificuldade em integrar uma equipe nos seus labores quotidianos mas de uma grande disponibilidade e que numa breve conversa nos deixou suficientes pistas de investigação para uma vida inteira.

Suspeito hoje que pouco fizemos do que sonhávamos, até porque acontecimentos múltiplos da vida dissolveram esse grupo, mas aqui surgiu um conhecimento que fez com que ao regressar do exílio em França viesse para o Porto, integrasse o corpo de docentes da Faculdade de Economia, tivesse o raro privilégio de conviver com Armando Castro⁸:

⁴ Lire le Capital, Louis ALTHUSSER & Etienne BALIBAR, Paris, Maspero

⁵ Principal obra de Karl Marx

⁶ Uma importante obra de Lenine em que se descrevem muitas das preocupações com que nós então também nos defrontávamos: os de propaganda e organização.

⁷ Porque estamos a referir-nos a Armando Castro abstemo-nos de citar outros autores portugueses que então eram muito lidos e conceituados.

⁸ Permitam-me que aqui faça um intervalo para dizer que de maneira muito diversa, houve três homens com quem convivi que marcaram muito profundamente as minhas preocupações intelectuais: Freitas e Silva, Pereira de Moura, Armando Castro. Sobre o segundo, apresentei, de alguma forma, o meu testemunho em "Ciência e Pedagogia. Racionalidade e Imaginação Hoje", 1995. Sobre Armando Castro estou a fazê-lo e certamente que o farei mais vezes no futuro. Deixai-me, pois, fazer uma breve referência ao Dr. Freitas e Silva. Foi meu professor de Filosofia nos antigos 6º e 7º anos. A aparente "balda" das suas aulas eram um espaço de liberdade intelectual bem rara no início dos anos 60 onde se aprendia a criticar o livro único, a ultrapassar as ideias dos outros para termos as nossas. Quando descobrimos que ele era tradutor de *Importância da Filosofia Positiva* de Augusto Comte, pequeno livro editado pela Inquérito e lhe comentamos na nossa jovialidade que ainda iria ser famoso, colocou o seu ar galhofeiro e afirmou que "seria célebre quando algum seu aluno o fosse". Foi o homem que em conversa informal, quando o tomismo carnepava no ensino liceal, nos alertou que havia um "filósofo francês chamado Bachelard que andava a escrever umas coisas muito interessantes que iriam marcar o futuro da Filosofia".



■ IMAGENS BREVES

Como é possível em poucas linhas falar de Armando Castro? Falar do homem ou da sua obra? do historiador, do economista, do epistemólogo, do homem de cultura que tudo isto juntava? do cientista ou do cidadão? do comunista convicto ou do apaixonado dos consensos? Como é possível escolher uma destas facetas se são partes de um todo e muito há a dizer de todas as outras deixadas de lado? Talvez seja possível mas é provavelmente injusto.

Limitemo-nos a deixar aqui três cenas.

■ INVESTIGAR É UM ACTO DE CORAGEM

Estava sol. Fazia pouco calor mas o tempo convidava a um passeio. Tinha feito o doutoramento há um ano, ainda fazia as contas de cabeça sobre o que tinha gasto e o que tinha deixado de ganhar quando recebi uma proposta de trabalho acolhedora. Descia a 31 de Janeiro olhando para as montras e hesitando entre a resposta a dar. A minha paixão continuava no ensino universitário mas os cifrões faziam a balança pender para o outro lado.

Nestas lucubrações encontrei-me defronte de Armando Castro que caminhava em sentido contrário. Expus-lhe as minhas angústias já quase transformadas em certeza de abandono da carreira universitária. Olhou-me com o seu ar afável e em voz branda limitou-se a dizer, como se de nada se tratasse: “para se investigar é preciso muita coragem”.

Despedimo-nos como de costume, quase não liguei à frase proferida mas ela penetrou-me tão profundamente, tanto quanto a dura realidade transmitida e o saber que continha, que recusei o emprego oferecido e ainda hoje continuo no tal caminho que é difícil.

De facto a sua vida, e a do seu agregado familiar que teve de ser de uma solidariedade militante e abnegada, foi uma constante luta contra tudo e contra quase todos para conseguir fazer investigação e erigir o espantoso edifício intelectual que é a sua obra:

“Vivi 31 anos com uma crucificação quotidiana; é que trabalhava o mínimo indispensável para assegurar a subsistência minha e familiar, para ter tempo livre para a pesquisa que fazia à minha custa. Eu nem sequer tinha acesso às bibliotecas das Faculdades. Só nos fins do período marcelista é que, por intermédio de um professor, eu consegui esse acesso. Mesmo para fazer a pesquisa nos Arquivos Históricos, eu deslocava-me à minha custa: microfilmava os documentos com uma pequena Leika e uma lâmpada supervoltada que levava. Depois vinha para casa, revelava e passava tudo aquilo a tamanho postal, porque senão ficava muito grande, e lia os documentos todos com uma lupa.”⁹

Mas mais do que todas estas aventuras de dificuldades está a entrega total do homem ao saber, à procura da verdade, se assim se pode falar, a pesquisa pela alegria da descoberta. Não o fez porque a carreira universitária o exigisse, não o fez para se promover e pavonear, não o fez para adquirir cargos políticos, não o fez por dinheiro. Fê-lo numa luta permanente entre a vastidão dos conhecimentos a adquirir, as limitações fitogenéticas e

⁹ Entrevista ..., pág. 15



ontogenéticas do homem, que tão bem tem descrito, a sua esperança de vida e as lutas do quotidiano.

Apesar do entusiasmo com que sempre aplicou as novas tecnologias, o essencial do seu labor científico é anterior à microinformática. Os milhares de dossiers sobre todas as matérias, os recortes de jornais, revistas e fotocópias aparados nas margens para ocupar menos espaço, a forma como concatenava assuntos e textos são demonstrações eloquentes de como cada dia, minuto ou segundo era aproveitado e orientado para o saber.

O reconhecimento da sua obra entusiasma-o, desperta-lhe o brilho da vaidade pessoal muito timidamente manifestada, mas são epifenómenos da ânsia de saber, de perscrutar o novo, de ultrapassar-se permanentemente para que o povo a que pertence caminhe para um futuro melhor.

Até nas brincadeiras o optimismo sobre o futuro e a capacidade da ciência contribuir para uma vida melhor está patente. Os extraterrestres nunca o preocuparam porque se tivessem técnicas e saberes para chegar à Terra também estariam socialmente tão avançados que já tinham atingido o comunismo, refere-o por vezes.

Aprender, aprender sempre para que o futuro colectivo a que pertence seja mais risonho.

COM AQUELE CURRICULUM CHUMBA NA AVALIAÇÃO

Os seus estudos sociais, históricos e económicos visam fundamentalmente a compreensão da realidade portuguesa. Escritos por amor a um saber que se torna alavanca de transformação social rumo a uma sociedade técnica, social e culturalmente mais evoluída, mais solidária, utilizam a língua portuguesa como forma de comunicação. Um português denso de conceitos, relações e descrições dialecticamente interligados, usando uma leitura marxista da realidade sem desprezar as contribuições alheias e sem a utilização de uma terminologia estereotipada.

São imensas as suas publicações: livros, revistas científicas, revistas e jornais diversos. São incontáveis os colóquios, seminários e intervenções públicas. Referia, por vezes, que tinha o convite desta ou daquela revista estrangeira para escrever mas acabava sempre por preterir essas solicitações em favor do contacto com o público português. A sua obra científica é de alta craveira intelectual, trabalho impar na cena internacional mas não tem artigos publicados em revistas estrangeiras. Os critérios actuais de avaliação da obra científica e a incapacidade de muitos para compreender a profunda diferença entre as ciências da natureza e as sociais, levaria provavelmente à sua reprovação académica¹⁰.

É necessário que se compreenda bem essa sobrevalorização do uso da língua pátria: para Armando Castro a validação da sua obra científica é feita pelo povo a que pertence e no qual luta. Avançando teses originais, desbravando matérias nunca antes estudadas, ensaiando novos modelos e metodologias

¹⁰ Aliás seria interessante, a este propósito, recordar a morosidade da sua nomeação como catedrático. Provavelmente essa história daria um bom conto alegórico da incompetência humana.



de estudo só tinha a preocupação em ser compreendido pelo povo a que pertence. Respeitando a comunidade científica internacional e olhando para ela com uma condescendência bonacheirona, mantendo sempre firme a sua postura marxista, enraizada numa análise científica que a protege das conjunturas desfavoráveis, conhecendo os seus aliados e adversários intelectuais é no contacto com o povo que Armando Castro valida a sua obra. Se a sua teorização reflecte a realidade e é susceptível de contribuir para a construção de um futuro melhor então é possível descodificar o discurso científico, fazer-se entender por quem o ouve, ver aceite pelos outros as suas teses.

E a sua obra tem sido claramente validada nas manifestações de ruas¹¹, na aceitação pública das suas teses, na criação de uma intelectualidade progressista que bebe nos seus trabalhos as fontes principais de inspiração.

A EPISTEMOLOGIA É UMA LUTA CONTRA E PARA NÓS

A sua obra epistemológica, profundamente original, é a reflexão crítica sobre o seu próprio labor científico e um caminho de reflexão inesgotável que se abre a todos nós.

Para Armando Castro a Epistemologia é uma ciência. A ciência do conhecimento científico, síntese de múltiplas contribuições disciplinares. Uma ciência que obviamente se autonomizou da filosofia, que é capaz de resolver de uma forma inovadora e definitiva velhas questões e divergências filosóficas, como a existente entre o materialismo e o idealismo. Uma ciência que criou novas metodologias, construiu novos conceitos e relações extensíveis, com as devidas adaptações e precauções, a outras áreas do saber:

“Se tivesse outro horizonte temporal, encararia a possibilidade de construir uma ciência explicativa do conhecimento filosófico, assim como encararia a possibilidade de construir a teoria científica das ideologias e até, porque não?, da componente cognitiva da estética”¹².

A Epistemologia não é normativa mas a reflexão científica sobre o labor científico apetrecha-nos de novas capacidades para investigar. O facto de uma parte dos seus trabalhos epistemológicos incidir sobre as ciências sociais – sobretudo a História –, apesar da sua obra específica sobre a Gnoseologia e a Epistemologia ainda se encontrar nas considerações gerais, faz luz sobre áreas do saber menos consideradas até à actualidade.

Estes seus trabalhos são uma exigência de criatividade, de audácia, de rigor para todos nós.

O RESTO DIREI DEPOIS...

Bom, a conversa vai longa e há tanto que ainda está por dizer...

¹¹ Por exemplo, as lutas contra a inflação nos anos setenta devem bastante ao livro *O Que é a Inflação?*

¹² Entrevista ..., pág. 21